

MASTITE BOVINA: REVISÃO DE LITERATURA

OLIVEIRA, Bruno Inácio Correa

Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

MOTA, João Paulo Ribeiro da Silva

Acadêmico do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

BALDOTTO, Suellen Berger

Doutora em Cirurgia Veterinária, Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

A mastite é considerada um dos principais problemas para a bovinocultura leiteira, devido aos severos prejuízos econômicos que acarreta. Tem como característica uma inflamação da glândula mamária, geralmente de caráter infeccioso, podendo ser classificada como clínica ou subclínica (FONSECA; SANTOS, 2000). Etiologicamente, trata-se de uma doença pode ser de origem tóxica, traumática, alérgica, metabólica ou infecciosa, sendo as causas infecciosas as principais, destacando-se as bactérias (*Streptococcus agalactiae*, *S. aureus*, *S. dysgalactiae*, e *Escherichia coli*.) pela maior frequência, além de fungos, algas e vírus (RADOSTITS, 2000).

As infecções surgem através de microrganismos contagiosos que tendem a se apresentar na forma subclínica e a se tornarem crônicas, sendo disseminados principalmente pelas mãos dos ordenhadores e equipamentos de ordenha, resultando em altas contagens de células somáticas (CCS), e por meio dos relacionados ao ambiente, que são encontrados em todos os rebanhos e podem ser recuperados da água, fezes, materiais usados como cama, e várias outras fontes. As infecções tendem a se apresentar na forma clínica aguda e, algumas vezes na forma hiperaguda (BRITO et. al., 2007).

Frente a uma infecção, o epitélio alveolar sofre uma breve hiperplasia ou vacuolização e, então, descama (COELHO, 2002). Após a fase aguda, ocorre fibrose periductal, e tecido de granulação substitui parte do epitélio cúbico ou cilíndrico normal dos ductos menores. Essa substituição às vezes produz a formação



de protrusões poliposas e, possivelmente, a obstrução completa do fluxo de leite (JONE THOMAS, 2000).

A mastite clínica é subdividida em aguda, subaguda e crônica. A aguda e subaguda é facilmente detectada pela sintomatologia clássica do processo inflamatório, facilmente evidenciáveis pela inspeção: edema, dor, calor e rubor (MULLER, 2005). A mastite clínica pode ainda apresentar sinais evidentes, tais como: endurecimento, dor na glândula mamária, grumos, pus ou qualquer alteração das características do leite e necrose (FONSECA; SANTOS, 2000.).

Já com relação a mastite subclínicas, em alguns meses destroem a capacidade funcional da mama, causando prejuízos econômicos, ao mesmo tempo que podem alastrar-se silenciosamente no rebanho, agravando os prejuízos e causando problema de saúde animal, não são diagnosticadas pelos métodos rotineiros de exame clínico: inspeção do animal, leite e palpação. (DIAS, 2007).

De acordo com DIAS (2007), na mastite subclínica as alterações mais importantes no leite são descolorações, presença de coágulos e grande número de leucócitos. Quando um agente patogênico invade a glândula mamária, o organismo do animal reage, mandando para as locais células de defesa, principalmente leucócitos, a maioria neutrófilos polimorfonucleares, para tentar reverter o processo infeccioso. Essas células de defesa somadas as células de descamação do epitélio secretor são chamadas células somáticas (MAIA, 2010).

Quando há presença de microrganismos patogênicos na glândula mamária, geralmente a contagem de células somáticas (CCS) se apresenta elevada (acima de 300.000 cél./ml de leite) (CASSOL, 2010). Este aumento na CCS é a principal característica utilizada para o diagnóstico da mastite subclínica. Em nível de propriedades rurais, o método mais prático que permitem determinar os índices de mamites subclínicas, é o Califórnia Mastitis Test (CMT), que realizado antes da ordenha, após o descarte dos primeiros jatos de leite, permite avaliar a intensidade da infecção dentro da glândula (quanto mais intensa maior a presença de células) (FEITOSA, 2004).

O tratamento com antimicrobianos continua sendo utilizado como a principal estratégia para o controle da mastite subclínica. A pobre resposta das mamites por



S. Aureus à antibioticoterapia tem sido foco de uma grande variedade de estudos no esforço de determinar quais são os fatores responsáveis por falhas na terapia, de modo que os tratamentos sejam mais efetivos no futuro (CASSOL, 2010; PEREZ NETO; ZAPPA, 2011).

Em muitas situações é aconselhável o uso de terapia combinada, fazendo-se a associação de antimicrobianos que apresentem sinergismo, onde um potencializa a ação do outro, como por exemplo, o uso sistêmico de uma quinolona, como a enrofloxacin e, a aplicação intramamária de um aminoglicosídeo como a gentamicina e ou cefoperazona ou uso combinado de penicilina com neovobiocina em preparados para uso intramamário (MAIA, 2010).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, L. G.; SALMAN, A. K. D.; GONÇALES, M. A. R.; FIGUEIRÓ, M. R. **Cartilha para o produtor de leite de Rondônia**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2007.40 p. (Embrapa Rondônia. Documentos, 116).

CASSOL, D.M.S.; SANDOVAL, G.A.F.; PERICOLE, J.J.; GIL,P.C.N.; MARSON, F.A. **Introdução Agentes da Mastite Diagnóstico e Tratamento. A Hora Veterinária – Ano29, n°175, maio/junho/2010.** Disponível em: http://www.ourofinovet.com.br/portal/files/espaco_veterinario/HV175MastitebovinaDaniela.pdf acessado em: 20/agosto/2010.

COELHO, H.E. **Patologia Veterinária**, Barueri, SP, 2002. p.195 a 200.

DIAS, Regina Valéria da Cunha. **Principais Métodos de Diagnóstico e Controle da Mastite Bovina**, Mossoró, RN, v.1, n.1, p.23-27, 2007

FEITOSA, F.L.F. **Semiologia Veterinária a Arte do Diagnóstico**. São Paulo: Roca, 2004. p.353 a 398.

FONSECA, L.F.L.; SANTOS, M.V. **Qualidade do leite e controle de mastite**. São Paulo: Lemos, 2000. 175p

JONES THOMAS C.; et al., **Patologia Veterinária**., 6° ed. Barueri, SP., 2000.

MAIA, P.V. **Métodos de Identificação da Mastite na Tomada de Decisão de Controle e Tratamento**, Núcleo de qualidade do leite ReHAgro. Julho/2010. Disponível em: <http://ideagri.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=256> acessado em: 08/11/2010.



MÜLLER, E. E. **Qualidade do Leite, Células Somáticas e Prevenção da Mastite**, In: II Sul- Leite: Simpósio sobre Sustentabilidade da Pecuária Leiteira na Região Sul do Brasil, Anais do II Sul-Leite, Maringá, p. 206-217, 2005.

PEREZ NETO, F.; ZAPPA,V. **Mastite em vacas leiteiras**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Graça, SP, a. 9, n. 16, 2011

RADOSTITS, O. M. et al., **Clínica Veterinária**, 9 ed., Rio de Janeiro: 2000.

